

A LITERATURA INFANTOJUVENIL E O ENVELHECIMENTO: TECENDO OS ELOS

Joseval dos Reis Miranda¹

Tamyris Nunes da Paz²

Resumo: Este artigo tem como objetivos analisar a representação do idoso em obras de literatura infantojuvenil e refletir como esta pode influenciar o imaginário social sobre o envelhecimento. A pesquisa adota uma abordagem qualitativa, de caráter descritivo-exploratório, a qual busca através da análise das obras "Chapeuzinho Vermelho", "A Bela Adormecida", "A velhinha que dava nome às coisas" e "As linhas no rosto de Nana" identificar e interpretar elementos narrativos que evidenciem os discursos sobre a velhice. Espera-se contribuir para o campo de estudos interdisciplinares entre Educação e Literatura, ampliando o debate sobre as implicações pedagógicas da literatura infantojuvenil na formação de concepções sociais sobre o envelhecimento.

Palavras-chave: Literatura infantojuvenil; Envelhecimento; Idoso.

CHILDREN'S AND YOUNG ADULT LITERATURE AND AGING: WEAVING THE LINKS

Abstract: This article aims to analyze the representation of the elderly in children's and young adult literature and to reflect on how it can influence the social imaginary about aging. The research adopts a qualitative, descriptive-exploratory approach, seeking through the analysis of the works

¹ Universidade Federal da Paraíba (UFPB). Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-0713-0110> E-mail: josevalmiranda@yahoo.com.br

² Universidade Federal da Paraíba (UFPB). Orcid: <https://orcid.org/0009-0002-3586-0628> E-mail: tamyrisnunes33@gmail.com

"*Little Red Riding Hood*", "*Sleeping Beauty*", "*The Old Woman Who Named Things*" and "*The Lines on Nana's Face*" to identify and interpret narrative elements that highlight discourses on old age. It is expected to contribute to the field of interdisciplinary studies between Education and Literature, broadening the debate on the pedagogical implications of children's and young adult literature in shaping social conceptions of aging.

Keywords: Children's and young adult literature; Aging; Elderly.

INTRODUÇÃO

A literatura infantojuvenil exerce um papel significativo na construção de valores, comportamentos e visões de mundo de crianças e adolescentes, devido à função humanizadora da literatura como um todo, como discute *Cândido* (2011). Diante desse papel formador que possui, o texto literário não apenas diverte, mas contribui para o aprendizado, a convivência e a formação de referências culturais e simbólicas. Dentro desse universo, a presença de personagens idosos assume relevância, uma vez que suas representações podem tanto perpetuar imagens estereotipadas quanto promover uma visão mais ampla e respeitosa sobre o envelhecimento.

Nesse ínterim, este artigo tem como objetivos: analisar a representação da velhice em obras de literatura infantojuvenil, especificamente, os contos "*Chapeuzinho Vermelho*" e "*A Bela Adormecida*", e os livros "*A velhinha que dava nome às coisas*" e "*As linhas no rosto de Nana*", e refletir como a literatura pode influenciar o imaginário social sobre essa fase da vida e a figura do idoso na sociedade.

Espera-se, com esta investigação, contribuir para o campo de estudos interdisciplinares entre Educação e Literatura, ampliando o debate sobre as implicações pedagógicas da literatura infantojuvenil na formação de concepções sociais sobre o envelhecimento, além de oferecer

subsídios para uma mediação crítica da leitura literária, incentivando práticas educativas que promovam visões mais plurais e respeitosas acerca da velhice.

LITERATURA INFANTOJUVENIL: ALGUNS APONTAMENTOS

Historicamente, segundo Colomer (2003), a literatura infantojuvenil passou pela superação da tradição moralizante, comum desde a Antiguidade, o que permitiu a afirmação da literatura para crianças como forma artística a partir do século XVIII, a qual passou a se expandir a partir dessa valorização da infância enquanto etapa específica do desenvolvimento humano, como afirma Zilberman (1985, p. 98): “a infância passa a ser considerada não apenas uma faixa etária diferenciada, mas também um período da existência com características singulares, que requer cuidados especiais e atendimento particularizado.”

A trajetória da literatura voltada para crianças e jovens é marcada pela apropriação e transformação de narrativas populares que deram origem aos primeiros livros infantis, especialmente os contos de fadas (Lajolo & Zilberman, 2019; Colomer, 2003). Esse tipo de narrativa assume papel central na infância, pois, como defende Saraiva (2001), esse gênero rompe com a realidade e estimula o leitor a exercitar a imaginação e a criatividade.

Nessa mesma perspectiva, Andruetto (2012, p. 57) afirma que “a leitura e a experiência estética encontram-se entre os exercícios mais radicais de liberdade”, destacando o potencial transformador da literatura. Assim, entre os inúmeros benefícios proporcionados pela literatura às crianças, destaca-se o fato de que ela lhes oferece “meios para compreender o real e atuar criativa e criticamente sobre ele” (Saraiva, 2001, p. 83).

Conforme observa Saraiva (2001), a criança dá sentido à sua existência quando se depara com um texto dotado de valor estético, pois, segundo o autor, esse tipo de texto tem o poder de materializar e transformar o seu mundo. Diante disso, a literatura infantojuvenil, assim como a literatura em geral, desempenha um papel fundamental no processo de humanização e na formação da humanidade, como aponta *Candido* (2011).

Com o passar do tempo, a literatura infantojuvenil passou a ser concebida não apenas como instrumento pedagógico, mas como forma de expressão estética e cultural, capaz de provocar experiências significativas nos leitores.

Nesse sentido, a literatura ultrapassa os limites da materialidade textual e permanece no imaginário e na sensibilidade dos sujeitos que com ela entram em contato. Nesse sentido, conforme Zilberman (1985), ela se constitui como um campo dinâmico e em constante transformação, acompanhando as mudanças sociais, culturais e históricas que envolvem a infância e a juventude, o que, para a autora, é um processo natural, pois incorpora novos temas e procura traduzir problemas contemporâneos nos textos. Essa atualização permanente evidencia o caráter vivo da literatura e sua capacidade de refletir e problematizar o mundo. Como complementa Andruetto (2012):

Na obra, o estético subsume o ético e permite falar de uma verdade sem dogmas, e é por isso que um bom livro, embora trate de questões que nos são alheias ou reflita ideias que não coincidem com as nossas, consegue nos comover. O mundo não está de um lado e arte, de outro. (Andruetto, 2012. p. 121)

Dessa forma, considerando o que diz a autora, compreende-se que a literatura infantojuvenil, ao longo do tempo, consolidou-se como uma expressão artística com

funções múltiplas: educar, emocionar, provocar e transformar. Assim, reafirma sua importância não apenas na formação leitora, mas também na constituição subjetiva e social de crianças e jovens.

Diante de sua função estética e formativa, a literatura infantojuvenil não apenas dialoga com os universos simbólicos da infância, mas também oferece caminhos para a construção de olhares mais sensíveis e críticos sobre outras fases da vida humana, como a velhice. Por isso, é importante refletir sobre esse aspecto dentro das obras literárias destinadas a esse público.

ENVELHECIMENTO HUMANO: PONDERAR É PRECISO

Em 1970, Beauvoir afirmara que a velhice era um tema tratado como um segredo, como algo indecente a ser discutido na sociedade, visto que, como afirma a autora, “a tendência de toda sociedade é viver, é sobreviver; exalta o vigor e a fecundidade associados à juventude: teme o desgaste e a esterilidade da velhice” (Beauvoir, 1970, p. 44). Contudo, nos últimos anos, o envelhecimento humano tornou-se uma temática de interesse de várias ciências, e isso deve-se à transição demográfica e ao aumento da quantidade de idosos, como afirma Nascimento (2020). Por isso, segundo Todaro e Cachioni (2021), o processo de envelhecimento populacional, aliado às transformações socioeconômicas, tecnológicas e culturais, torna o reconhecimento das várias formas de vivenciar a velhice um desafio para a educação brasileira e, ao mesmo tempo, uma urgência da época, visto que a velhice precisa ser tratada como fato cultural e não apenas biológico, como afirma Beauvoir (1970).

De acordo com a *World Health Organization* (2005), envelhecer ativamente consiste em potencializar as condições de saúde, de participação social e de proteção, de modo a

favorecer uma melhor qualidade de vida ao longo do processo de envelhecimento. Contudo, apesar dos avanços conceituais e demográficos, o envelhecimento ainda é atravessado por estigmas e estereótipos que, muitas vezes, se refletem nas práticas sociais e educativas. Dessa forma, é importante e necessária a criação de políticas públicas que:

[...] promovam modos de viver mais saudáveis em todas as etapas da vida, favorecendo a prática de atividades físicas no cotidiano e no lazer, o acesso a alimentos saudáveis e a redução do consumo de tabaco. Estas questões são a base para o envelhecimento saudável, um envelhecimento que signifique também um ganho substancial em qualidade de vida e saúde. (World Health Organization, 2005, p. 3).

O documento destaca ainda que a perspectiva de envelhecimento ativo se fundamenta no respeito aos direitos humanos das pessoas idosas, assim como nos princípios de independência, participação, dignidade, cuidado e autorrealização definidos pela Organização das Nações Unidas (*World Health Organization*, 2005, p. 14).

No cenário brasileiro, o envelhecimento populacional tem ocorrido de forma acelerada. De acordo com o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2023), a população com 65 anos ou mais chegou, em 2022, a 22,1 milhões de pessoas, representando 10,9% da população total, enquanto a proporção de crianças até 14 anos caiu para 19,8%, elevando o índice de envelhecimento de 30,7 para 55,2 em pouco mais de uma década (IBGE, 2023). Esses dados evidenciam a urgência de repensar concepções sobre a velhice.

Nesse contexto, vale destacar que segundo o IBGE (2023), esse processo de envelhecimento populacional é predominantemente feminino, visto que as mulheres formam

a maioria da população idosa e apresentam maior longevidade, com uma expectativa de vida que deve superar os 80 anos em 2025. Por isso, além da recorrência literária do feminino, ao focar na representação da mulher idosa, a pesquisa analisa a figura que lidera o crescimento da longevidade no país.

A fragilidade das políticas públicas voltadas ao envelhecimento também é um fator que merece destaque. Embora o *Estatuto do Idoso* (Lei nº 10.741/2003) assegure a valorização social da pessoa idosa e recomende a inclusão do tema nos currículos escolares, a aplicação dessa diretriz é, muitas vezes, negligenciada. Por isso, a educação é um campo estratégico para a formação de uma cultura mais inclusiva, como apontam Cachioni e Aguilar (2008).

Diante dessa realidade, é importante destacar o que disse Beauvoir (1970, p. 13): “a sociedade determina o lugar e o papel do velho, levando em conta suas idiossincrasias individuais.” Por isso, torna-se cada vez mais necessário construir representações mais humanizadas e realistas acerca do envelhecimento. Desse modo, a literatura se configura como uma forte aliada da educação nessa construção, pois, como afirmam Todaro e Cachioni (2021, p. 3): “as crianças precisam ler o mundo que envelhece, ao mesmo tempo que passam por experiências intergeracionais nas suas comunidades para evitar a discriminação etária.”

Estudos demonstram que as representações sociais de crianças e jovens sobre os idosos são moldadas por experiências culturais e educacionais, o que destaca o papel crucial da escola e da literatura nesse processo (Ferreira et al., 2015; Silveira, Lodovici e Quadros, 2012). Os livros analisados por estes últimos autores mostram que os discursos presentes na literatura infantil frequentemente oscilam entre idealizações afetivas dos avós e imagens que reforçam estereótipos de fragilidade, senilidade ou isolamento social.

Além disso, a literatura pode tanto reforçar mitos quanto contribuir para a desconstrução de ideias

preconceituosas. Ferreira et al. (2015) identificaram que muitos livros ainda retratam o envelhecimento de maneira limitada, associando-o exclusivamente à perda de capacidades, sem considerar as dimensões de autonomia, sabedoria e contribuição social do idoso. Em contraste, Fernandes (2013) destaca narrativas que valorizam a convivência intergeracional entre avós e netos, resgatando memórias e saberes em um contexto de coeducação entre gerações, o que pode fortalecer o respeito e a solidariedade entre faixas etárias.

Assim, refletir sobre o envelhecimento na literatura infantojuvenil exige uma abordagem intersetorial, que envolva a educação, a saúde, a cultura e as políticas públicas. É necessário estimular, desde cedo, uma visão mais ampla e positiva sobre a velhice, rompendo com a ideia de que os idosos são “sobra” social ou sujeitos invisibilizados (Beauvoir, 1970). Portanto, os livros infantis, quando bem escolhidos e mediados, podem oferecer às crianças novas lentes para compreender o envelhecimento como parte natural e valiosa da experiência humana.

METODOLOGIA DA PESQUISA

Nessa conjuntura, tendo em vista a natureza da temática que será estudada, optamos por uma metodologia de pesquisa predominantemente qualitativa, do tipo descritivo-exploratório, uma vez que “[...] responde a questões muito particulares, preocupando-se com um nível de realidade que não pode ser somente quantificado” (Minayo, 2001, p. 21).

O *corpus* deste trabalho, é constituído pelas obras “*Chapeuzinho Vermelho*” e “*A Bela Adormecida*”, escritas originalmente no século XVII. Em seguida, “*A velhinha que dava nome às coisas*” (1996/1997) e “*As linhas no rosto de Nana*” (2020), logo, uma obra do século XX e outra do século XXI. A seleção das obras pautou-se em uma amostragem intencional que priorizou o contraste histórico e a representatividade temática.

Optamos por textos de diferentes períodos com o intuito específico de observar como as imagens da velhice foram construídas, reforçadas ou ressignificadas ao longo do tempo.

A escolha dos contos "Chapeuzinho Vermelho" e "A Bela Adormecida" justifica-se por sua relevância na consolidação do imaginário social e por apresentarem o idoso em papéis coadjuvantes ou estereotipados. Em contrapartida, as obras "A velhinha que dava nome às coisas" e "As linhas no rosto de Nana" foram selecionadas precisamente por elevarem a pessoa idosa ao papel de protagonista, apresentando-a como sujeito ativo e autônomo o que permite um contraponto analítico fundamental aos estigmas de fragilidade e dependência observados nas narrativas tradicionais.

Cabe pontuar que a presente análise não se deteve ao aparato imagético ou às figuras ilustrativas das obras, visto que tal exame não integrou os objetivos delimitados para este estudo. Embora se reconheça a importância fundamental das imagens na literatura infantojuvenil como elemento de construção de sentido, a pesquisa concentrou-se estritamente na dimensão textual e narrativa.

A leitura das narrativas foi conduzida em três movimentos complementares. Primeiramente, realizamos uma análise estrutural das histórias, inspirada na proposta de Adam (1987), citada por Volmer, Ramos e Martins (2021), identificando elementos narrativos como estado inicial, força transformadora, dinâmica de ação, força equilibrante e estado final. Em seguida, analisamos as temáticas recorrentes nas obras associadas à velhice — como fragilidade, solidão, isolamento, memória, estereótipos, resiliência e intergeracionalidade. Para isso, recorreremos à Análise Temática, a qual, conforme Braun e Clarke (2006, apud Rosa; Mackedanz, 2021), é uma abordagem caracterizada pela flexibilidade e pela abertura teórica, permitindo reconhecer, examinar e relatar padrões, ou seja, temas recorrentes.

Por fim, a investigação voltou-se para os ditos e não ditos presentes nas narrativas, dialogando com a Análise do Discurso de Orlandi (2001), que afirma que o discurso não se reduz ao que está dito, mas envolve também o não dito, os silêncios e as condições de produção.

AS OBRAS ANALISADAS

A fim de compreender como a literatura infantojuvenil tem representado a figura da pessoa idosa ao longo do tempo, este estudo selecionou quatro obras de diferentes períodos históricos e propostas estéticas. A escolha dos textos buscou contemplar tanto narrativas clássicas — originadas na tradição dos contos de fadas europeus — quanto produções contemporâneas voltadas ao público infantil, com o intuito de observar como as imagens da velhice e do envelhecimento são construídas, reforçadas ou ressignificadas nesses contextos.

As análises realizadas neste artigo têm como base, inicialmente, as leituras dos contos “*Chapeuzinho Vermelho*” e “*A Bela Adormecida*”, escritos por Charles Perrault, um dos grandes precursores do gênero dos contos de fadas e considerado o pai da Literatura Infantil. Ambos estão contidos na coletânea *Contos de Perrault*, publicada em sua 6ª edição pela Editora Garnier, em 2019. Essa edição foi escolhida por apresentar tradução e organização que procuram manter a fidelidade ao texto original, respeitando as características narrativas, estilísticas e culturais próprias do século XVII, período em que foram escritos.

Em seguida, foi feita a análise de duas obras mais modernas. A primeira obra, “*A velhinha que dava nome às coisas*”, teve sua 1ª edição em 1996/1997 pela editora Brinque-Book, com um total de 32 páginas, e atualmente está em sua 35ª reimpressão. É uma obra produzida no final do século XX, mas

que apresenta uma visão sobre a figura da pessoa idosa de forma ressignificada, como será abordado adiante neste texto. A obra *“A velhinha que dava nome às coisas”* é escrita por Cynthia Rylant. Conforme informações no próprio livro, a autora nasceu em 1954, na Virgínia, Estados Unidos. Nunca havia tido contato com a literatura infantil até começar a trabalhar em uma biblioteca, o que despertou seu desejo de se tornar escritora. Essa obra possui ilustrações assinadas por Kathryn Brown, que tem inúmeras produções ilustradas em parceria com Cynthia Rylant e Mem Fox. A tradução dessa obra foi realizada por Gilda de Aquino, nascida em 1935, no Rio de Janeiro. Ela é formada em Letras Anglo-Germânicas pela PUC-RJ, fez mestrado em Linguística na Universidade de Washington, nos Estados Unidos, e já traduziu vários títulos da Brinque-Book. A escolha dessa obra para análise deve-se ao fato de apresentar como protagonista da história uma pessoa idosa e ser de um período não tão atual.

A outra obra escolhida para análise foi *“As linhas no rosto de Nana”*, cuja 1ª edição é de 2020, publicada pela Editora FTD, e possui 40 páginas. A escolha dessa obra deve-se ao fato de apresentar também como protagonista da história uma pessoa idosa, entretanto, de um período atual, ou seja, do século XXI. No site de vendas Amazon, não há indicação de idade, porém acredita-se que, assim como o livro anterior, pode ser apreciada por pessoas a partir dos 3 anos — embora a beleza da literatura não tenha idade. Por sua vez, a obra *“As linhas no rosto de Nana”* tem como autora e ilustradora Simona Ciruolo. Conforme informações do próprio livro, a autora graduou-se em Cinema e Animação e em Ilustração de Livros para Crianças pela *Cambridge School of Art*. A tradução dessa obra é assinada por Alice Ruiz, nascida em Curitiba, Paraná, em 22 de janeiro de 1946. É poeta, haicaísta e tradutora. Outro aspecto a mencionar são as ilustrações, que desempenham papel essencial nas duas narrativas, pois enriquecem a leitura e, de certa forma, atraem o(a) leitor(a).

Para uma melhor compreensão de cada obra, a seguir será feita uma breve análise das narrativas literárias por seções.

Chapeuzinho Vermelho

O conto “*Chapeuzinho Vermelho*” tem origem na tradição oral europeia e foi consolidado nas versões escritas por Charles Perrault e pelos Irmãos Grimm. A narrativa segue uma estrutura típica dos contos de fadas, apresentando como personagens principais a jovem Chapeuzinho, o lobo — como antagonista — e a avó, que ocupa uma posição coadjuvante. O enredo gira em torno da viagem da menina até a casa da avó, de seu encontro com o lobo e da tragédia que se segue após esse momento. A ambientação transita entre a floresta — símbolo do perigo e do desconhecido — e a casa da avó, espaço que deveria representar segurança, mas que se vê ameaçado. O tempo da narrativa é indeterminado, imerso em uma atemporalidade característica dos contos tradicionais, enquanto o narrador é externo e onisciente, apresentando a história de forma objetiva. O conflito central reside na ingenuidade infantil contraposta à malícia do lobo predador, culminando em um desfecho trágico, no qual tanto a avó quanto a menina são vítimas.

A conclusão da história reforça a moral preventiva do conto, alertando para os riscos da desobediência e da confiança ingênua. Sob uma análise crítica, observa-se que a figura da avó, enquanto idosa, é representada de maneira passiva e vulnerável, cumprindo uma função instrumental dentro da trama. Tal caracterização reforça estereótipos tradicionais que associam a velhice à fragilidade e à dependência, ausentando qualquer protagonismo ou agência por parte da personagem idosa.

A Bela Adormecida

Contextualizada no universo dos contos de fadas franceses do século XVII, *A Bela Adormecida* materializa as tensões sociais relativas à juventude, à feminilidade e ao poder, em um contexto cultural que idealizava a pureza juvenil, ao mesmo tempo que temia a figura da mulher envelhecida.

A trama centra-se na princesa, protagonista da história, cuja vida é ameaçada por uma maldição lançada por uma fada malvada — antagonista que representa a figura idosa da história e o arquétipo da velhice de forma negativa. Ao longo da narrativa, as fadas boas contrapõem-se à fada malvada, enquanto o príncipe surge como agente restaurador da ordem.

O enredo aborda o sono profundo da princesa e seu posterior despertar após cem anos, em um espaço dividido entre o palácio e a floresta — locais simbólicos de poder e mistério. O tempo da narrativa é extenso e mítico, enfatizando sua dimensão fabulosa. O narrador, às vezes observador, outras vezes onisciente, conduz a história com objetividade. O conflito fundamental opõe a maldição — símbolo do mal e da ameaça — à inocência e à esperança personificadas pela princesa. O desfecho retoma a ordem social por meio do despertar da heroína.

A obra “*A Bela Adormecida*”, por sua vez, apresenta duas figuras femininas idosas com funções narrativas distintas, mas igualmente significativas para a construção social da velhice. A primeira delas é a velha fada, que, após cinquenta anos de isolamento social, é esquecida e não convidada para o batizado da princesa. Essa construção literária reforça um estereótipo clássico: o da “velha ressentida e vingativa”, que, afastada da convivência social, reage com hostilidade ao se sentir desvalorizada, materializando um medo cultural da marginalização do idoso, mas o faz de forma caricata e negativa.

Em contraponto, a narrativa traz também uma velhinha bondosa, que aparece quando a princesa, escondida, fere-se

com o fuso. Essa personagem representa o estereótipo da idosa simples, solitária, mas inofensiva e acolhedora, vivendo de maneira modesta e pacífica. Embora sua participação seja breve, a personagem reforça a imagem da velhice como um tempo de simplicidade e anonimato, em contraste com a velha fada, marcada por sentimentos negativos.

A velhinha que dava nome às coisas

A autora utiliza o cenário da casa da velhinha e de sua relação em colocar nome em tudo — como, por exemplo, o carro (Beto), a poltrona (Frida), a cama (Belinha), a própria casa (Glória), a cômoda nova (Berta), o carrinho de mão (Fred) e um porco de cimento para o jardim (Caco) — como fio condutor para mostrar as memórias e os sentimentos da protagonista em relação às pessoas que conheceu, mas que já partiram. A partir desses nomes, é possível inferir que foram pessoas especiais para ela, pois desejava que fossem imortalizadas em sua memória.

O tempo da narrativa é o passado (“*Era uma vez uma velhinha que adorava dar nomes às coisas*”), tendo como personagem principal a velhinha (protagonista). Mais adiante no enredo, aparecem o encarregado do canil e o cachorro marrom (Sortudo), que desencadeará na protagonista da história o dilema de se apegaria ou não ao animal, já que ela não duraria mais que o cachorro. O foco narrativo está no narrador heterodiegético, pois relata a história à qual é estranho, uma vez que não participa dela como personagem. As estruturas frasais são constituídas por sentenças curtas, e prevalece a voz ativa para garantir melhor compreensão leitora das crianças.

As linhas no rosto de Nana

A autora utiliza como elemento inicial da narrativa os preparativos para o aniversário de Nana, realizados pela família, para abordar a velhice de Nana, suas memórias e sentimentos nessa fase da vida. Essa ocasião é motivo para que a neta de Nana a observe e, em sua avaliação, perceba que a avó ora parece triste, ora surpresa, ora preocupada. Com base no diálogo construído entre Nana e sua neta, é possível perceber a positividade das lembranças da avó e sua relação saudável com o envelhecimento e com as marcas deixadas em seu rosto.

O tempo da narrativa é o tempo presente (*“Hoje é o aniversário de Nana e estamos dando uma festa!”*), tendo como personagens principais Nana e a neta (protagonista), em torno das quais o enredo se desenvolve a partir do diálogo entre ambas, construído com estruturas frasais curtas. O foco narrativo está no narrador autodiegético, pois vincula informações provenientes de sua própria experiência vivida como personagem; ou seja, participa da história.

Dessa forma, com base na análise das obras anteriormente mencionadas, em relação ao desenvolvimento da história, apresentamos, a seguir, uma possibilidade de quadro-síntese da estrutura narrativa proposta por Adam (1987), citada por Volmer, Ramos e Martins (2021):

Quadro 1 – Elementos da narrativa das obras analisadas

| Elementos da narrativa | Chapeuzinho Vermelho | A bela adormecida | A velhinha que dava nome às coisas | As linhas no rosto de Nana |
|------------------------|-------------------------------------------------|-----------------------------------|-------------------------------------------------|--------------------------------------------|
| Estado Inicial | Uma menina vive em sua aldeia, amada por todos, | Um rei e uma rainha têm finalment | Um certo dia ao lavar o carro (Beto) aparece um | Os preparativos pela família e neta para o |

| | | | | |
|----------------------|------------------------------------------------------------------------------|--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| | principalmente pela avó. A mãe a envia para levar comida à avó doente. | e uma filha. Organiza uma festa com fadas madrinhãs para lhe conceder dons. | cachorro marrom no portão do jardim. | aniversário de Nana. |
| Força transformadora | O encontro com o lobo na floresta, o qual descobre o caminho da casa da avó. | A fada (velha) não convidada lança uma maldição: a princesa espetará o dedo e morrerá. Outra fada suaviza a maldição: ela apenas dormirá por 100 anos. | A convivência com cachorro todos os dias a fizeram se apegar ao animal e sentir a sua falta quando ele não mais apareceu no seu portão. | A avaliação da neta que nana estaria triste ou preocupada ou surpresa. Os questionamentos da neta de Nana sobre as linhas do seu rosto. |
| Dinâmica da ação | O lobo devora a avó e toma seu lugar para enganar Chapeuzinho que | A princesa cresce, um dia se espeta em um fuso e cai em | A espera pelo aparecimento do cachorro no seu portão. O | A cada questionamento da neta, Nana os respondia a partir das |

| | | | | |
|--------------------|-----------------------------------------------------------------------------------------------------|----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| | também é devorada. | sono profundo. O castelo inteiro adormece junto, cercado por uma floresta intransponível. | sentimento de falta da presença do cachorro. | suas memórias. |
| Força equilibrante | Em algumas versões, há o aparecimento do caçador que salva a avó (não ocorre na versão de Perrault) | Passados 100 anos, um príncipe chega, consegue atravessar a floresta e encontra a princesa. O beijo do príncipe desperta a jovem e todo o castelo. | A procura do cachorro pela cidade. A ligação para o Canil. A ida ao canil para encontrar o cachorro. A adoção do cachorro marrom. | A neta compreende as experiências da avó (alegres e tristes), pois Nana se apresenta feliz e sem conflitos com as marcas da velhice no rosto. |
| Estado final | Chapeuzinho e a avó estão mortas, devoradas pelo lobo. | A princesa desperta, casa-se com o príncipe. O reino é | Ida do cachorro marrom (Sortudo) para a casa da Velhinha. A | A neta abraça a avó por saber que também tem uma linha |

| | | | | |
|--|--|------------------------------------------|---------------------------------------------------------------------------|--------------------------------------------------------------------------------------|
| | | restaurado, trazendo ordem e felicidade. | perda do medo em adotar o animal e aproveitar o momento presente com ele. | marcada no seu rosto quando a viu. A família reunida comemora o aniversário de Nana. |
|--|--|------------------------------------------|---------------------------------------------------------------------------|--------------------------------------------------------------------------------------|

Fonte: Obras Chapeuzinho Vermelho, A bela Adormecida, A velhinha que dava nome às coisas e As linhas no rosto de Nana.

Temas e mensagens

Por meio da análise dos elementos da narrativa, seja sob o nível da história ou sob o nível do discurso, cabe ao(à) leitor(a) o seu deciframento e o seu posicionamento sobre o texto. Diante disso, ainda se pode refletir sobre:

Quadro 2 – Os ditos e não ditos nas obras analisadas

| Obras | Os ditos/temas/mensagens | Os não ditos |
|-----------------------------|-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| <i>Chapeuzinho Vermelho</i> | <ul style="list-style-type: none"> - Caráter afetuoso e benevolente. - Descrita como doente e acamada. - Solidão e isolamento. - Estado de fragilidade, dependência e impotência. | <ul style="list-style-type: none"> - Isolamento social da velhice. - Invisibilidade social. - Ausência de protagonismo. - Relação com a comunidade. - O papel passivo da avó na resolução do conflito. |

| | | |
|-------------------------------------------|---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| | | -A normalização da vulnerabilidade na velhice. |
| <i>A bela adormecida</i> | <p>Velha Fada</p> <ul style="list-style-type: none"> -Caráter de antipatia, rancor e ressentimento. -Mágoa pela exclusão. -Isolamento e esquecimento. -Não foi convidada. -Reage com ira e vingança <p>Velhinha do Fuso</p> <ul style="list-style-type: none"> -Vida simples e humilde. -Solidão. -Bondade e acolhimento. -Ocupada em sua atividade doméstica. | <p>Velha Fada</p> <ul style="list-style-type: none"> -Motivos do isolamento. -Relação com as outras fadas. -Estigma da velhice. -Marginalização das consequências emocionais e sociais da solidão. <p>Velhinha do Fuso</p> <ul style="list-style-type: none"> -Condições de vida. -Papel na comunidade. -Visão social da velhice |
| <i>A velhinha que dava nome às coisas</i> | <ul style="list-style-type: none"> -O envelhecimento, a velhice e o velho. -Vida ativa, altivez e capaz. -Solidão pela morte de pessoas queridas. -Boa relação com o envelhecer e as marcas biológicas. -Boas lembranças das pessoas queridas. -Pessoa sorridente, mostra bom humor e mostra independência financeira. -Temática voltada para a memória. | <ul style="list-style-type: none"> -Morte. -Medo das pessoas queridas morrerem. -Saudosismo por não receber cartas. -Perdas. -Adoção de animais. -Boa condição de moradia. -O resignificar da vida pela presença de um animal em casa. |

| | | |
|-----------------------------------|-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| | <ul style="list-style-type: none"> -Uso de acessórios como óculos devido à velhice. -Abertura para aceitar e viver o momento presente ao adotar o cachorro. -As experiências vividas. -Ainda predomina o uso do telefone residencial. | <ul style="list-style-type: none"> -Ambiente acolhedor, cheio de plantas. -O não uso do celular. -O cuidado com os animais no canil. -O abandono de animais nas ruas. |
| <i>As linhas no rosto de Nana</i> | <ul style="list-style-type: none"> -O envelhecimento, a velhice e o velho. -Vida ativa, altivez e capaz. -Boa relação com o envelhecer e as marcas biológicas. -Lembranças positivas e negativas de momentos vividos. -Lembranças de pessoas queridas. -Pessoa sorridente e mostra bom humor. -Relação intergeracional. -Temática voltada para a memória. | <ul style="list-style-type: none"> -Morte. -Saudosismo. -Perdas. -Relação com a neta e família. -Festividade em família. -Ambiente acolhedor, cheio de plantas. -A geração que se renova a cada momento. |

Fonte: Obras *Chapeuzinho Vermelho, A bela Adormecida, A velhinha que dava nome às coisas e As linhas no rosto de Nana.*

Dessa forma, as mensagens transmitidas pelas obras destinadas às crianças não perdem o seu poder de fantasiar nem a expressão lúdica da velhice; porém, retratam e trazem para os dias atuais questões sociais que precisam ser discutidas desde a Educação Infantil. Pois, se quisermos construir um país que saiba acolher, respeitar e valorizar as pessoas idosas, as escolas e universidades precisam começar a fomentar essas

reflexões. Daí, trazemos as palavras de Coelho (2022) sobre a literatura infantil:

A literatura infantil é, antes de tudo, literatura; ou melhor, é arte: fenômeno da criatividade que representa o mundo, o homem, a vida através da palavra. Funde os sonhos e a vida prática, o imaginário e o real, os ideais e sua possível/impossível realização (Coelho, 2022, p. 27).

Assim, com base na leitura e análise das obras mencionadas, várias reflexões podem ser suscitadas e debatidas; por isso, na próxima seção, aprofundaremos essa temática.

O ENVELHECER, A LITERATURA E A VISÃO SOBRE A PESSOA VELHA NAS OBRAS ANALISADAS

A temática do envelhecimento é importante e necessária de ser discutida nas escolas e nas universidades. Afinal, envelhecemos a cada dia, e a velhice é a fase final do ciclo vital. Logo, ampliar o olhar para a questão do envelhecimento humano, as representações sociais sobre o idoso e a influência da literatura infantil e juvenil sobre essa representação é essencial para repensar alguns conceitos e procedimentos, tanto como pessoas quanto, em especial, como professores.

Nesse sentido, a forma econômica capitalista e o regime neoliberal que garantam direitos para as pessoas idosas perpassam por uma mudança cultural, social, histórica, econômica e educacional, acerca de como o(a) idoso(a) é visto(a) ou representado(a) socialmente. A educação — em sentido amplo e restrito — pode favorecer tais mudanças, desde que essa temática (envelhecimento) seja abordada com respeito e naturalidade desde cedo na vida das pessoas, pois:

[...] talvez se possam enunciar em bases mais sólidas a compreensão e a redefinição desse processo complexo e multifacetado da vida humana, contribuindo para refletir e recriar relações mais igualitárias entre sujeitos de diferentes gerações, com reconhecimento e respeito pela alteridade, na humanização do ser humano e da sociedade (Fernandes, 2013, p. 1095).

Movidos por esse entendimento, acreditamos que uma das possibilidades de reflexão sobre o tema do envelhecimento — seja na escola, em casa ou em outros espaços — é por meio da literatura. Aqui, apresento as sábias palavras de Candido (2011) ao mencionar o poder da literatura:

[...] a literatura tem sido um instrumento poderoso de instrução e educação, entrando nos currículos, sendo proposta a cada um como equipamento intelectual e afetivo. [...] a literatura confirma e nega, propõe e denuncia, apoia e combate fornecendo a possibilidade de vivermos dialeticamente os problemas. (Candido, 2011, p. 177).

Nesse eixo interpretativo, compreendemos que a literatura pode contribuir para a ressignificação e reflexão acerca das representações das pessoas idosas na sociedade. Assim, romper com a ideia de que a velhice está comumente atrelada à dependência, às doenças, à perda da autonomia, à solidão, à depressão, à falta de condições físicas e a outros estereótipos constitui uma possibilidade concreta por meio da literatura.

Atualmente, o professor necessita de subsídios para elaborar uma prática pedagógica civilizadora, humanizadora e politizadora, capaz de valorizar o caráter singular de seu trabalho. Para tanto, é fundamental dispor de tempo para

refletir, aprofundar conhecimentos, desenvolver emoções, cultivar o senso estético e compreender a complexidade do mundo e suas múltiplas inter-relações (Chiaretto, 2014).

Nesse contexto, embora os desafios do ensino do texto literário no Brasil sejam significativos, construir práticas inclusivas, democráticas e participativas por meio da literatura — especialmente ao tratar de temas como o envelhecimento — contribui para ampliar os horizontes culturais de todas as crianças. Como afirmam Munhoz e Bohm (2022) ao se referirem ao trabalho com as crianças:

[...] em relação às crianças, a educação formal e a informal são importantes maneiras de ampliar a visão dos pequenos quanto à velhice e estimulá-los a pensar sobre o idoso de maneira mais adequada aos novos contextos sociais. Ressalta-se ainda que, além das possibilidades de reflexão acerca do idoso, as obras literárias também permitem a fruição do pequeno leitor, que, diante de palavras e imagens, encontra diversos sentidos para a leitura. (Munhoz; Bohm, 2022, p. 4).

Ainda é possível presenciar, no imaginário social, cenas refletidas nos contos *“Chapeuzinho Vermelho”* e *“A Bela Adormecida”*, nos quais a pessoa idosa é vista, concebida ou compreendida como frágil, debilitada, esquecida, incapaz, doente, recolhida ao ambiente do lar, entre outros estereótipos. Assim, faz-se necessário reconhecer a literatura como uma possibilidade de desenvolver “[...] em nós a quota de humanidade, na medida em que nos torna mais compreensivos e abertos para a natureza, a sociedade, o semelhante.” (Candido, 2011, p. 182).

Em consonância com os pressupostos elencados sobre o envelhecer e a literatura, passamos a tecer considerações a partir da obra *“A velhinha que dava nome às coisas”*, que, mesmo

escrita em 1996/1997, apresenta uma visão da pessoa idosa como ativa, altiva e independente: mantém sozinha sua casa e um belo jardim, dirige um Cadillac azul, calça botas de caubói, mostra-se feliz e convive bem com as marcas biológicas — cabelos brancos, linhas de expressão no rosto e transformações do corpo — da velhice.

A partir dessa análise, com base na atuação da personagem da obra, salientamos a necessidade de investimento em educação, no sentido de que as pessoas tenham acesso e compreendam a velhice como uma fase com suas peculiaridades. Sobre isso, Meire Cachioni e Luis Enrique Aguilar (2008) ressaltam:

[...] a educação desempenha um papel central em qualquer projeto de mudança de atitudes em relação à velhice. Aumentar a informação e levar as pessoas e as instituições a pensarem de forma mais positiva e realística sobre os idosos e a velhice podem contribuir para mudar as suas atitudes, mas só isso não é suficiente para modificar a maneira pela qual a sociedade trata seus idosos. (Cachioni; Aguilar, 2008, p. 100).

Diante dessa afirmativa, logo na capa do livro, o(a) leitor(a) já percebe o colorido e a simpatia de uma mulher branca e idosa ao alimentar o cachorro que chega ao seu portão. Dessa maneira, o(a) leitor(a) já se envolve com a temática e cria expectativas sobre o desenrolar da história.

Nas páginas internas, a narrativa apresenta o dia a dia da personagem principal e a sua mania de dar nomes às coisas — a própria casa, o carro, a poltrona e outros objetos — que ela considerava duráveis. Provavelmente, nomes de pessoas que já morreram e que eram especiais para ela. A partir dessa análise, percebe-se, nesse momento da obra, a representação da velhice marcada pela solidão, pelo medo de perder novamente

alguém querido e pela tristeza diante da morte de pessoas amadas. Assim, essa visão se rompe na narrativa quando a velhinha deixa entrar em sua vida o cachorro (Sortudo), causando um turbilhão de emoções nessa etapa de sua vida.

Por sua vez, a obra *“As linhas no rosto de Nana”* mostra, desde a capa, uma relação amorosa entre a avó e a neta. Já no verso da capa, na folha de guarda, na folha de rosto e na quarta capa, são apresentados vários elementos do universo de Nana, como: novelo de lã, agulhas, estante com cartas, óculos, vasos, fotografias e outros objetos que parecem fazer parte de sua memória afetiva.

Nana é uma avó branca e sorridente, que parece morar em uma casa cheia de plantas e que, com seus cabelos brancos e o rosto marcado por várias linhas e expressões da velhice, convive bem com a fase do envelhecimento. Dessa maneira, a velhice é apresentada, por meio da literatura, de forma tranquila e lúdica, pois, ao ser questionada pela neta sobre as linhas de expressão em seu rosto, Nana responde que são as marcas da sua memória.

Nesse contexto, ao longo do enredo, a neta — por meio de suas inquietações e curiosidade — possibilita à avó uma viagem ao passado, revivendo, com base em suas memórias, emoções positivas e negativas, mas que não a desanimam no presente. Não há arrependimento nem saudosismo com relação à fase atual da velhice, mas sim a serenidade de uma pessoa experiente.

Para Munhoz e Bohm (2022, p. 8), “[...] é possível analisar a memória como fator-chave de ligação intergeracional. [...] é possível afirmar que as gerações se conectam pela memória, mesmo que partes de diferentes grupos familiares [...]”.

Nessa mesma linha de pensamento, Fernandes (2013) ressalta a relação geracional:

[...] o elo entre as gerações não pode ser rompido; a experiência dos mais velhos precisa ser valorizada pelo resgate de suas lembranças e histórias que falam da vida, recuperando uma memória pessoal que é também coletiva. (Fernandes, 2013, p. 1110).

Isso posto, com base nas obras analisadas, compreendemos, a partir de Chartier (2005, p. 129), que “formar o gosto é um verdadeiro aprendizado cultural, e é preciso tempo para isso.” Assim, não se trata de impor o que o(a) professor(a) acredita ser a “cultura de verdade”. É preciso, especialmente ao se pensar no público infantil e juvenil, definir a literatura e o texto literário “pelo seu uso, ou seja, pelos seus leitores” (Chartier, 2005, p. 134).

Trazer a temática do envelhecimento para a sala de aula, por meio do trabalho pedagógico do(a) professor(a) e de sua relação com a literatura, pode influenciar:

[...] as representações sociais dos indivíduos e de temas encontrados na literatura infantil e juvenil a respeito do envelhecimento, da velhice e do velho, percebe-se a necessidade de se ampliar a investigação e a discussão sobre como esses assuntos estão sendo tratados, ou seja, se eles vêm sendo desenvolvidos de forma positiva ou negativa, e se condizem ou não com a realidade. (Ferreira *et al.*, 2015, p. 1062).

Nesse horizonte, torna-se fundamental pensar a literatura não apenas como objeto de análise estética, mas também como prática social de formação crítica, o que dialoga com o conceito de letramento literário, conforme formulado por Cosson (2006), o qual entende a leitura como prática social que amplia a compreensão do mundo e promove o diálogo entre sujeitos. Assim, a mediação docente precisa ir além da

simples leitura recreativa, propondo situações de debate, comparação entre representações de diferentes épocas e problematização de estereótipos relacionados à velhice. Incorporar às práticas escolares obras que abordem o envelhecimento significa, portanto, oportunizar às crianças um contato mais plural com a diversidade humana, fortalecendo valores de respeito intergeracional.

Nessa direção, as obras *A velhinha que dava nome às coisas* e *As linhas no rosto de Nana*, por exemplo, podem ser incorporadas como recursos pedagógicos alinhados à BNCC (2017), a qual estabelece competências relacionadas ao respeito à diversidade e à convivência entre diferentes gerações, além das *Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Básica* (Brasil, 2013), que reforçam a necessidade de integrar valores éticos, sociais e culturais à formação dos alunos, concretizando os princípios da educação inclusiva e intergeracional.

Assim sendo, diante de toda a análise realizada, reafirmamos o potencial libertador, criativo e inventivo que a literatura pode proporcionar na vida e na formação das pessoas. Nessa conjuntura, ao pensar o trabalho pedagógico com a literatura no contexto escolar, este precisa ser desenvolvido de forma a lançar questionamentos, ouvir os(as) alunos(as) e promover discussões que auxiliem o(a) leitor(a) a compreender a obra em sua totalidade, tornando-se crítico(a), reflexivo(a) e atuante perante o texto literário.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Quando falamos sobre envelhecer, velhice ou pessoa idosa, talvez se pense, em um primeiro momento, na ideia de dependência, doença, incapacidade e outros mitos. Na maioria das vezes, esse raciocínio está permeado de preconceitos e estereótipos, pois não podemos compreender essa fase do ciclo vital como homogênea.

Desse modo, ao buscarmos analisar as quatro obras da literatura infantil e juvenil neste trabalho, percebemos que a representação da velhice tem evoluído ao longo do tempo. Enquanto os contos clássicos, como *“Chapeuzinho Vermelho”* e *“A Bela Adormecida”*, tendem a reforçar estereótipos de fragilidade, dependência, isolamento ou maldade associados às pessoas idosas, nas obras mais contemporâneas, *“A velhinha que dava nome às coisas”* e *“As linhas no rosto de Nana”*, a figura da pessoa idosa é apresentada com uma função social positiva, participativa e consciente da fase em que vive. É evidente que são obras de diferentes épocas, mas que convergem, em alguma medida, para enxergar a velhice não apenas como aspecto da vida cidadã, mas também como expressão de saúde e qualidade de vida.

A análise convida a uma reflexão profunda sobre a solidão como um dos principais marcadores da representação da velhice nas obras analisadas. Observamos que, enquanto nos contos clássicos a solidão é muitas vezes apresentada como um destino passivo ou uma consequência do isolamento social e geográfico da personagem idosa, em obras contemporâneas este marcador é ressignificado, e a solidão não é sinônimo de desamparo, mas um estágio de vida que permite a autonomia e a introspecção, sendo rompida não pela dependência, mas por redes de afeto e pela resiliência emocional. Assim, a representação literária atua como um mecanismo crítico que desafia a visão de que envelhecer implica necessariamente o declínio dos vínculos sociais, sugerindo que a subjetividade do idoso é preservada mesmo em contextos de vida solitária.

Diante disso, ratificamos que, por meio dos livros de literatura — aqui com foco na infantojuvenil — há possibilidades de reflexões, debates e ponderações como forma de mobilizar, nas crianças e nos jovens, pensamentos e ações crítico-reflexivas acerca do envelhecimento, da velhice e da pessoa idosa.

Acreditamos que a temática não se esgota aqui, pois o tema é amplo e pode ser trabalhado de inúmeras formas. Este estudo representa apenas uma parte da reflexão sobre a temática mencionada, a partir da análise de duas obras. Desse modo, a presente análise pode ser ressignificada a partir de outros contextos, filtros, olhares, leituras e releituras, além de diferentes recortes temporais.

REFERÊNCIAS

ADAM, Jean-michel. Types de séquences textuelles élémentaires. *Pratiques*, Metz, v. 56, p. 54-79, 1987. *In*: VOLMER, Lovani; RAMOS, Flavia Brocchetto; MARTINS, Rosemari Lorenz. Narrador: mediador simbólico de leitura. *Revista do Sell*, [S. l.], v. 10, n. 1, p. 101-118, 2021. Disponível

em: <https://seer.uftm.edu.br/revistaeletronica/index.php/sell/article/view/5162>. Acesso em: 26 jul. 2025.

ANDRUETTO, Maria Teresa. **Por uma literatura sem adjetivos**. Tradução: Carmem Cacciacarro. São Paulo: Editora Pulo do Gato, 2012.

BEAUVOIR, Simone de. **A velhice**. Tradução de Maria Helena da Rocha Pereira. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1970.

BRASIL. **Estatuto do Idoso**. Lei nº 10.741, de 1º de outubro de 2003. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/110.741.htm . Acesso em: 25 jun. 2025.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular (BNCC)**. Brasília: MEC, 2017. Disponível em: <https://observatoriodoensinomedio.ufpr.br/wp-content/uploads/2017/04/BNCC-Documento-Final.pdf> . Acesso em: 25 jun. 2025.

BRASIL. Ministério da Educação. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Básica**. Brasília: MEC, 2013. Disponível em: https://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=13448-diretrizes-curriculares-nacionais-2013-pdf&Itemid=30192. Acesso em: 23 jun. 2025.

BRAUN, Virgínia; CLARKE, Victoria. Using thematic analysis in psychology. *Qualitative Research in Psychology*, v. 3, n. 2. p. 77-101. 2006. In: ROSA, Liane Serra da; MACKEDANZ, Luiz Fernando. A análise temática como metodologia na pesquisa qualitativa em educação em ciências. **Revista Atos de Pesquisa em Educação**. Blumenau, v.16, e8574, 2021. Disponível em: <https://ojsrevista.furb.br/ojs/index.php/atosdepesquisa/articloe/view/8574> . Acesso em: 28 set. 2025.

CACHIONI, Meire; AGUILAR, Luis Enrique. Crenças em relação à velhice entre alunos da graduação. **Revista Kairós**, São Paulo, v. 11, n. 2, p. 95-119, dez. 2008. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/kairos/article/view/2395> . Acesso em: 23 jun. 2025.

CANDIDO, Antônio. O direito à literatura. In: CANDIDO, Antônio. **Vários Escritos**. 5. ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul/São Paulo: Duas Cidades, 2011.

CHARTIER, Roger. **O mundo como representação**. Tradução de Hilário Franco Júnior. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

CHIARETTO, Marcelo. Letramento literário e recursos didáticos renovados para um educador cidadão. **Revista Pesquisas em Discurso Pedagógico**. Rio de Janeiro, v. 02, p., 2014, p.71-79. Disponível em: <https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/23457/23457.PDFXXvmi>. acesso 23 de jun. 2025.

CIRAOLLO, Simona. **As linhas no rosto de Nana**. Tradução de Alice Ruiz. São Paulo: FTD, 2020.

COELHO, Nelly Novaes. **Literatura infantil: teoria, análise, didática**. São Paulo: Editora Ática, 2022.

COLOMER, Teresa. **A formação do leitor literário: narrativa infantil e juvenil atual**. Tradução: Laura Sandroni. São Paulo: Global, 2003.

COSSON, Rildo. **Círculos de leitura e letramento literário**. São Paulo: Editora Pulo do Gato, 2006.

FERNANDES, Célia Regina Delácio. Avós e netos na literatura infantil: vidas compartilhadas. **Educação & Realidade**. Porto Alegre, v. 38, n. 4, p. 1089-1112, out./dez. 2013. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/edreal/a/LLL55dccMSdgFKy5W7gDGkx/?lang=pt> . Acesso em: 21 jun. 2025.

FERREIRA, Cíntia Priscila da Silva; CANUTO, Kamilla França; ARAÚJO, Karyne Michelly Lima de; GUIMARÃES, Helen Arruda; LINS, Ana Elizabeth dos Santos; CHIARI, Brasília Maria; ROQUE, Franceline Pivetta. A visão do envelhecimento, da velhice e do idoso veiculada por livros infantojuvenis. **Saúde e Sociedade**. São Paulo, v. 24, n. 3, p. 1061-1075, 2015. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/sausoc/a/kxJnCZqvvd6Fqft7pX4Cr8M/?format=pdf&lang=pt> . Acesso em: 20 jun. 2025.

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Censo Demográfico 2022: Resultados da População por Sexo e Idade**. Rio de Janeiro: IBGE, 2023. Disponível em: <https://censo2022.ibge.gov.br>. Acesso em: 30 jun. 2025.

LAJOLO, Marisa; ZILBERMAN, Regina. **A formação da leitura no Brasil**. ed. rev. São Paulo: Editora Unesp, 2019.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2001.

MUNHOZ, Estella Maria Bortoncello; BOHM, Verônica. A figura do idoso na literatura infantil: um comparativo entre as obras Guilherme Augusto Araújo Fernandes e vô, para de fotografar! **Uniletras**, Ponta Grossa, v. 44, 2022 p. 1-16. Disponível em: <https://revistas.uepg.br/index.php/uniletras/article/view/17819>. Acesso em: 27 de jun. 2025.

NASCIMENTO, Marcelo de Maio. Uma visão geral das teorias do envelhecimento humano. **Revista Saúde e Desenvolvimento Humano**, Canoas, v. 8. n. 1, 2020. Disponível em: https://revistas.unilasalle.edu.br/index.php/saude_desenvolvimento/article/view/6192. Acesso em: 02 jul. 2025.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **Análise de discurso: princípios e procedimentos**. 6. ed. Campinas: Pontes, 2001.

PERRAULT, Charles. **Contos de Perrault**. Tradução de Regina Reges Junqueira. 6. ed. Belo Horizonte – MG: Garnier, 2019.

RYLANT, Cynthia. **A velhinha que dava nome às coisas**. Tradução de Gilda de Aquino. São Paulo: Brinque-Book, 1997.

SARAIVA, Juracy Assmann. **Literatura e alfabetização: do plano do choro ao plano da ação**. Porto Alegre: Artmed Editora, 2001.

SILVEIRA, Nadia Dumara Ruiz; LODOVICI, Flaminia Manzano Moreira; QUADROS, Isabella Bastos de. Livros infantis e envelhecimento: indicações para novos parâmetros e práticas pedagógicas nas escolas. **Revista Kairós Gerontologia**, São Paulo, v. 15, n. 8, p. 217-244, dez. 2012. Disponível em:

<https://revistas.pucsp.br/index.php/kairos/article/view/17083>
. Acesso em: 20 jun. 2025.

TODARO, Mônica de Ávila; CACHIONI, Meire. Literatura infantil: expressão artística que coloca as personagens idosas em movimento. **Revista Educação**, UFSM, Santa Maria. v. 46, 2021. Disponível em: http://educa.fcc.org.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1984-64442021000100294 . Acesso em: 03 jul. 2025.

WORLD HEALTH ORGANIZATION. **Envelhecimento ativo: uma política de saúde**. Tradução Suzana Gontijo. Brasília: Organização Pan-Americana da Saúde, 2005. Disponível em: https://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/envelhecimento_ativo.pdf. Acesso em: 20 jun. 2025.

ZILBERMAN, Regina. Introduzindo a literatura infanto-juvenil. **Perspectiva**, [S. l.], v. 2, n. 4, p. 98–102, 1985. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/perspectiva/article/view/10106>. Acesso em: 20 jun. 2025.

Recebido em 10 de outubro de 2025.

Aprovado em 24 de fevereiro de 2026.